

**CIDADE**

revista  
número 5, 2008/2009

**SEM**

**NOME**

eletrônica

## **CONTO DA LADEIRA**

Euler Sandeville Jr.

(São Paulo, 18/07/2003)

O que se narra aqui passou-se em Salvador. Bem, pelo menos é o que me parece agora, mas poderia ter sido em outro lugar. Não sei se já caíste no conto da ladeira, mas conto assim mesmo.

Vinha descendo a ladeira um homem com uma sacola de mão, pesada de carregar por estar tão cheia de tantos ños. Isso, dentro da sacola havia muitos ños, sob outras formas. Vinha olhando as velhas casas coloridas de uma tinta descascada como a lembrança dos quilombos que não ficavam ali, aos quais temia a colônia, ali. Lembranças que ficaram daquele tempo das murmurações nas alcovas cheias de mofo e desejo, hoje emudecido.

Vinha descendo chacoalhando a barriga colada na umidade da camisa que crescia de tanta mandioca e feijão. Suas pálpebras, grossas de cerveja, pesavam até o chão tocando na imaginação os pés da moça sentada na soleira: short, regatas, peitão moreno de sol tão bom de ver. Cabelos inquietos, como fios de couve, e mamilos doces como laranjas... nada ali parecia em vão.

Sorriu sem esperança sua boca grossa. Sua boca grossa correspondeu vermelha de batom e costume, arrebatando a alça da sacola que agora rasgava a rua de pedra. Justamente no caminho que a água escolhia todos os dias de chuva - que merda!-, embriagando de rua os papéis tão cheios de regras. Mas a alma era impermeável.

Não era de agora que vinha engordando pelo caminho do tempo, preguiçoso como calor de verão que arde no azul cristalino do céu do meio-dia. Engordava enquanto o ônibus, apertado de propaganda de cigarro, pinga e pastilha para a garganta, seguia serpenteando o caminho dos morros. Ia picando o calçamento ruim. Serpenteava, levando o homem que ia engordando enquanto olhava as praias nas revistas e as fotos das meninas, nas mãos de uma senhora sentada. Ficou para trás o penhasco, abaixo o mar, a brisa, a areia fina que rendia seus ventos, odores e prazeres à cidade dos homens. Olhava porque não tinha o que fazer, enquanto esperava chegar o ponto na outra ladeira. Que maçada... esperar, olhar olhava a revista.

Mas a cidade não deixa por menos. A cidade só queria saber de prédios e sacolas de mão, cheias de papéis, regras e ños. Propícia a uma calvície barriguda, cheirando cerveja e suor, de um destino responsável pela mesmice de ser igual em qualquer ladeira do país. Não via o penhasco, não via o mar, não ouvia as ondas nem o vento, se não estivessem nas revistas, na televisão, na sua distração.

Creiam ou não os leitores, esse ser do tempo do tinteiro ainda veria no ônibus (se nos for permitido avançar aqui alguns anos até os cabelos mais brancos) o terminal da net, mas nada interativo, só para ver. Tocar? Nem pensar!, por enquanto ainda não. É

necessário primeiro educar o olho, para que depois se possa escolher de um modo totalmente liberto de preconceitos que prejudiquem o livre fluxo do mercado. É uma tendência, com toda a certeza, como nos aviões e, já há algum tempo, nas casas. Creiam, estava lá o terminal, antes mesmo de estar.

Creiam os leitores, ouvintes ou não, ainda se fazia sexo naquele tempo. Mas o corpo, se presente, era a imaginação de um outro. Se ausente, o amor na entrega do momento, era como a ladeira que se sabia poder ver no retrovisor do ônibus, por entre as cabeças e anúncios. Era, creiam os senhores ou não, hilariante e trágico, como o homem que engorda com a sacola de mão. Já subistes uma ladeira com uma sacola?

O olho ausente, preso a esse mundo que passava por tirantes de luz, como se indiferente fosse senão às opções de compra, estava desde já retido no terminal que um dia viria a ser instalado naquele ônibus abafado.

### **Nota dos Editores**

Os artigos publicados em **CIDADE SEM NOME** não refletem opinião ou concordância da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a **CIDADE SEM NOME** consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, culturais e artísticas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo de **CIDADE SEM NOME**.